



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS COLINAS
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ANTONIA RAIANE SANTOS SILVA

**PÁGINAS DE FORMAÇÃO: O Jornal *O Globo* (1889-1890) e a Construção da
Intelectualidade Maranhense**

Colinas
2025

ANTONIA RAIANE SANTOS SILVA

PÁGINAS DE FORMAÇÃO: O Jornal *O Globo*(1889-1890) e a Construção da
Intelectualidade Maranhense

Artigo apresentado ao Curso de Letras -
Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de
Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do
Maranhão, como pré-requisito parcial para obtenção
do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia

Colinas
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Antonia Raiane Santos.

Páginas de formação: o jornal O Globo(1889-1890) e a construção da intelectualidade maranhense / Antonia Raiane Santos Silva. - Colinas - MA, 2025. 33 f.

Artigo Científico (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia.

1. Imprensa maranhense. 2. Folhetim. 3. Público leitor. 4. O Globo (1889-1890). 5. Intelectualidade. I. Título.

CDU: 070(812.1)

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

ANTONIA RAIANE SANTOS SILVA

**PÁGINAS DE FORMAÇÃO: O Jornal *O Globo*(1889-1890) e a Construção da
Intelectualidade Maranhense**

Aprovado em: 23/12/2025

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
IZENETE NOBRE GARCIA
Data: 08/01/2026 10:27:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão/Campus Zé Doca



Documento assinado digitalmente
ALESSANDRA GREYCE GAIA PAMPLONA
Data: 08/01/2026 20:53:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alessandra Greyce Gaia Pamplona (Membro)
Instituto Federal de Educação do Pará/Campus Belém



Documento assinado digitalmente
SHIRLEY LAIANNE MEDEIROS DA SILVA
Data: 19/01/2026 09:02:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Shirley Laianne Medeiros da Silva (Membro)
Universidade Federal do Pará/Campus Guamá

Dedico este trabalho a minha mãe, que sempre me deu o mundo, mesmo quando o dela estava desmoronando.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me conceder a força, a saúde e a perseverança necessárias para superar todos os desafios e alcançar esta conquista.

À minha mãe, a arquiteta da minha vida e a razão de tudo o que construí até aqui.

Sem o seu apoio e a sua luz, minha caminhada seria um tatear no escuro. Hoje, eu entendo que o seu amor é o alicerce silencioso que sustenta cada passo da minha jornada. Por isso, quero te dizer o que talvez o cotidiano esconda: eu vejo você. Obrigada por todas as vezes em que você escolheu ficar para que eu pudesse ir. Pelas inúmeras vezes em que você disse 'não' para si mesma para que o mundo me dissesse 'sim'. Eu sei que, em muitas manhãs, você guardou seus próprios sonhos em uma caixa, deixando-os de lado para que eu pudesse carregar os meus nos ombros. Mamãe, sinto que carrego em mim o desabrochar de sementes que você plantou, mas que não teve tempo de ver florescer para si. Seus sonhos não foram perdidos; eles mudaram de endereço. Eles agora vivem em mim, na minha possibilidade de realização, em cada conquista que, na verdade, é tão sua quanto minha. Tudo o que eu alcançar será apenas um eco da sua força. Obrigada por ser meu ponto de partida, meu porto seguro e a minha maior inspiração.

Ao meu querido Tipedro, o homem que encontra um raio de sol até em dia de tempestade! Conviver com você é ter um curso vitalício de positividade. O senhor prova que pai não é quem divide o DNA, mas quem divide a alegria e o apoio em cada tropeço.

À Décio Filipe, meu companheiro, o presente que Deus me deu para trilhar este caminho chamado vida. Obrigada por ser o meu abrigo nos dias de tempestade e a minha calmaria quando tudo em mim grita.

Ao meu pequeno grande motivo de vida. Filho, você chegou sem manual, mas com a chave do meu coração nas mãos, e resolveu fazer morada permanente. É um mistério: não sei como um serzinho tão pequeno consegue ser o enredo principal e o centro de gravidade de todo o meu universo. Não existem palavras em nenhum dicionário, nem estrelas no céu, que consigam medir o tamanho desse amor. Você é a prova de que as melhores histórias da vida não ocupam espaço nas prateleiras; elas preenchem o vazio que eu nem sabia que existia.

Com imenso carinho e profunda admiração, agradeço à minha Orientadora, Izenete Nobre Garcia. Sua dedicação incansável não foi apenas um farol a guiar o trabalho, mas a essência que moldou o meu ser acadêmico. Obrigada por ter acreditado em mim lá em meados de 2022 e por, desde então, nunca mais ter soltado minha mão.

Aos amigos que não apenas leram, mas ajudaram a escrever cada capítulo desta

trajetória. Vocês são os meus melhores personagens reais, aqueles que a literatura tenta copiar, mas nunca alcança. Obrigado por serem o meu suporte de pé de página e por tornarem o percurso até aqui mais leve. É um fenômeno literário raro: como a gente consegue transformar o caos em comédia e os prazos apertados em poesia? Entre um café e um desabafo, vocês provaram que a amizade é o único enredo que não precisa de final feliz, porque a felicidade está em cada parágrafo do caminho. Sem vocês, minha história seria um livro de uma página só - e bem sem graça!

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para que esta obra chegasse ao seu ponto final. Vocês foram os editores, revisores e incentivadores silenciosos de cada parágrafo desta conquista. Se hoje este capítulo se encerra com sucesso, é porque muitas mãos ajudaram a folhear os dias difíceis e a celebrar as entrelinhas. Meu eterno agradecimento a quem fez parte dessa narrativa; sem vocês, este livro estaria incompleto.

RESUMO

A ausência de uma tradição literária brasileira consolidada nos primeiros séculos impulsionou escritores e leitores a buscarem referências externas, com notória predominância da influência francesa. O romance francês não apenas influenciou a produção nacional, mas também moldou o gosto e os hábitos de leitura de um público ainda em formação. Nesse cenário, o jornal configurou-se como o principal veículo de difusão literária, onde a inserção do folhetim (romances publicados em capítulos no rodapé) desempenhou um papel central. No Maranhão, essa prática foi fundamental para a construção de uma intelectualidade local, uma vez que a imprensa periódica democratizou o acesso a obras estrangeiras e serviu de laboratório para a crítica e a criação literária regional. Diante disso, este trabalho propõe investigar o impacto do romance francês na imprensa maranhense oitocentista, com foco no jornal *O Globo* (1889-1890), analisando como o periódico contribuiu para a formação de uma sociedade leitora crítica e para a consolidação de um pensamento intelectual autônomo. Para isso, adota-se uma abordagem quali-quantitativa, de caráter historiográfico e analítico, utilizando como fontes primárias os periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira e, como fontes secundárias, bases acadêmicas como CAPES e SciELO. A fundamentação teórica pautar-se-á nos estudos de Abreu (2006), Barros (2023), Candido (2007), Hallewell (2017) e Meyer (1996).

Palavras-chave: Imprensa Maranhense; Folhetim; Público leitor; *O Globo*(1889-1890); Intelectualidade.

ABSTRACT

The absence of a consolidated Brazilian literary tradition in the early centuries prompted writers and readers to seek external references, with a notable predominance of French influence. The French novel not only influenced national production but also shaped the tastes and reading habits of a public still in formation. In this context, the newspaper emerged as the primary vehicle for literary dissemination, where the inclusion of the *feuilleton* (serialized novels published at the bottom of the page) played a central role. In Maranhão, this practice was fundamental to the construction of a local intelligentsia, as the periodical press democratized access to foreign works and served as a laboratory for regional literary criticism and creation. In view of this, the present work proposes to investigate the impact of the French novel on the 19th-century Maranhão press, focusing on the newspaper *O Globo* (1889-1890), analyzing how the periodical contributed to the formation of a critical reading society and the consolidation of autonomous intellectual thought. To this end, a qualitative-quantitative approach is adopted, with a historiographical and analytical character, using primary sources from the *Hemeroteca Digital Brasileira* and secondary sources from academic databases such as CAPES and SciELO. The theoretical framework will be guided by the studies of Abreu (2006), Barros (2023), Candido (2007), Hallewell (2017), and Meyer (1996).

Keywords: French novel; Maranhão press; Reading public; *O Globo* (1889-1890); Intellectuals.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. GLOBO: INDEPENDÊNCIA EDITORIAL E PROJETO DE MODERNIZAÇÃO NO MARANHÃO	14
3. A PRESENÇA EDITORIAL DE GEORGES OHNET NO MARANHÃO.....	23
4 CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, observa-se que a população mundial está imersa na era do streaming, fenômeno que redefine os modos de fruição estética e de consumo cultural. Muitas pessoas vinculam o lazer ao ato de assistir a filmes e séries em plataformas digitais, configurando uma nova forma de recepção mediada pela lógica da fragmentação e da serialização. No entanto, esse mecanismo de “consumir em pedaços” não constitui uma prática inédita. Já no século XIX, o público leitor demonstrava intensa adesão às narrativas seriadas, especialmente aos folhetins, capítulos de romances publicados em periódicos diários ou semanais.

O folhetim consolidou-se como gênero textual e editorial na França do século XIX. Essa estratégia editorial visava democratizar o acesso à leitura em um contexto de crescente urbanização e alfabetização. Ao incluir entretenimento e publicidade, os editores conseguiram reduzir custos e atrair as classes populares, rompendo com o modelo de jornalismo puramente técnico e político para oferecer um conteúdo focado no lazer e na fidelização do novo público leitor.

Essa reestruturação do sistema literário e comercial iniciada na Europa não tardou a ecoar em solo brasileiro, onde o modelo francês de rodapés foi prontamente assimilado pela imprensa local. No entanto, a importação desse gênero textual ocorreu em um cenário de busca por autonomia cultural. O Brasil, enquanto fruto da colonização europeia, sofreu a influência, de forma diversificada, de vários países, tornando-se complexa a definição de uma identidade nacional, já que, ao longo da História, foi visto de fora para dentro e vice-versa. Nesse contexto, a adoção do folhetim no país funcionou como uma ferramenta de transfiguração: ao mesmo tempo em que seguia os moldes estrangeiros, permitiu a consolidação de uma produção literária genuinamente nacional, capaz de retratar os costumes locais. Como bem observa Antonio Candido (2007, p. 9), 'a brasileira foi gerada no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir', evidenciando que o desenvolvimento de nossas letras é o resultado desse diálogo contínuo entre a tradição herdada e a inovação externa.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender de que modo o romance francês foi incorporado, divulgado e reinterpretado nas páginas do jornal *O Globo*, atuante no Maranhão no século XIX, e como essa presença contribuiu para a formação de uma sensibilidade literária local, marcada por tensões entre o desejo de modernidade e as especificidades socioculturais brasileiras.

A ausência de uma tradição literária brasileira estruturada nos primeiros séculos levou os escritores e leitores a buscarem referências externas, sobretudo francesas. O romance francês não apenas influenciou a produção literária, como também moldou o gosto e os hábitos de leitura de um público ainda em formação. O leitor que não possuía um hábito de leitura herdado encontrava, na imprensa, especialmente por meio do romance francês, uma via de acesso ao universo letrado:

(...) a preferência por modelos franceses em todas as esferas da vida brasileira vinha crescendo desde fins do século XVIII. A teoria e a prática políticas eram dominadas por influências francesas; a arte estava sendo deliberadamente confiada a professores franceses (sobretudo aqueles ligados à missão artística de 1816); a Literatura Brasileira era quase inteiramente inspirada na francesa; mesmo os costumes sociais ultraconservadores do país estavam sendo pouco a pouco transformados pela concepção generalizada de que a França era a única nação civilizada no mundo ocidental. (Nadaf, 2009, p. 124)

A literatura folhetinesca, também denominada literatura de massa¹, romance por entrega, literatura industrial ou “picadinho de romance”, representa um marco na história da recepção literária. Trata-se de uma forma de produção textual que se insere no contexto da cultura letrada urbana e da expansão do mercado editorial, marcada pela serialização e pela busca de fidelização do leitor.

Conforme Marlise Meyer (1996), os folhetins tiveram origem na França, por iniciativa de Émile de Girardin, por volta de 1836. Nesse período, os romances seriados passaram a ocupar lugar de destaque nos jornais, especialmente nas notas de rodapé, espaço que se tornou estratégico para a difusão da ficção. Essa prática editorial, de acordo com Mollier (2018), contribuiu para o surgimento de novos autores e consolidou a notoriedade de escritores já legitimados pelo cânone literário francês.

Como já é sabido hoje em dia, de início o folhetim foi um espaço jornalístico, aquilo que podemos chamar de “casa textual”, antes de se transformar em um verdadeiro gênero literário. Esta mutação – a passagem do folhetim-romance ao romance-folhetim – deu-se em cerca de trinta anos, em um ritmo que se acelerou nos dez anos anteriores à introdução maciça de ficções nos jornais franceses. O que antes era apenas uma seção dedicada à crítica teatral, musical ou científica, ou ainda à crítica dos “romances de novidade”, o folhetim vai transformar totalmente os hábitos dos franceses e impor novas maneiras de ler, além de contribuir a um só tempo para o declínio dos gabinetes de leitura e o florescimento das livrarias-editoras. (Mollier, 2018)

¹ A personalidade construída a partir da generalização da mercadoria, quando entra no universo da escrita (o que é um fenômeno deste século), o faz com vistas ao destinatário, que é o leitor-massa, faminto de uma literatura que seja especular e espetacular. Autor e leitor perseguem a representação do show da vida, incrementado e amplificado. Autor-massa e leitor-massa buscam a projeção direta do prazer e do terror, do paraíso do consumo ou do inferno do crime – uma literatura transparente, no limite, sem mediações, uma literatura de efeitos imediatos e especiais, que se equipara ao cinema documentário, ao jornal televisivo, à reportagem ao vivo. (Bosi, 2002, 249)

A emergência do folheto pode ser compreendida, portanto, como um fenômeno de transição entre a literatura aristocrática e a literatura de consumo, revelando tensões entre o estético e o mercadológico, entre o erudito e o popular (Reis, 2011). A historiografia literária reconhece nesse modelo narrativo um ponto de inflexão na constituição da literatura moderna, ao articular práticas de leitura seriada, estratégias de mercado e novas formas de circulação textual.

Neste contexto, é importante lembrar o quanto o jornalismo contribuiu significativamente para a construção da literatura brasileira, podendo ser considerado um dos primeiros instrumentos responsáveis pela difusão da cultura letrada. Para o escritor brasileiro, o jornalismo representou um bem precioso, talvez o único meio eficaz de alcançar os leitores: “Sem o jornal, o meio de ação literária falharia completamente, pois o livro ainda não era, no Brasil, um objeto adquirido como uma necessidade cotidiana” (Candido, 2007, p.9.). É evidente que o acesso ao próprio jornal não se tornou, de forma imediata, disponível para toda a sociedade.

Havia tarifas que precisavam ser pagas para garantir esse acesso, além das dificuldades enfrentadas por parte da população em relação à leitura. Todavia, o que se pretende evidenciar é que, em comparação ao período anterior à expansão da imprensa, o leitor brasileiro encontrava-se mais distante da leitura e do acesso às obras, muitas vezes localizadas do outro lado do Atlântico. Com a consolidação da imprensa e da literatura de massa no Brasil, obras antes consideradas de difícil ou até impossível de acesso tornaram-se significativamente mais acessíveis.

A observação desses fatores se torna decisiva para compreender o alcance da produção literária no Brasil, posto que, como salienta Deaecto (2019), durante o período imperial, o estímulo à circulação de impressos - especialmente jornais - não levou à consolidação de um sistema editorial com identidade nacional. Ao contrário, reforçaram-se os antigos circuitos de livros europeus, sobretudo franceses e portugueses, mantidos por uma restrita elite letrada.

Dessa forma, compreende-se que a formação do mercado editorial brasileiro no século XIX esteve profundamente condicionada por influências externas, especialmente francesas, e por limitações estruturais internas que retardaram o desenvolvimento de uma identidade editorial nacional. A presença marcante de livreiros estrangeiros e a dependência de modelos europeus revelam não apenas a fragilidade do sistema editorial local, mas também os caminhos pelos quais a cultura letrada se consolidou entre as elites, moldando o perfil da

produção e do consumo literário no Brasil imperial.

2. GLOBO: INDEPENDÊNCIA EDITORIAL E PROJETO DE MODERNIZAÇÃO NO MARANHÃO

A constituição da esfera pública moderna é intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de meios de comunicação que permitiram a circulação de ideias e a formação de um espaço discursivo não estatal, onde cidadãos podiam debater interesses coletivos, valores morais e diretrizes políticas. Segundo Habermas (1984), a esfera pública surge quando indivíduos privados se reúnem para discutir assuntos de interesse comum, sem a mediação direta do poder estatal, influenciando, porém, suas decisões. Nesse contexto, os jornais imprimem-se como veículos centrais, não apenas por disseminarem informações, mas também por moldarem discursos e constituírem pontos de convergência para o debate público.

A construção da modernidade no Maranhão, na transição do século XIX para o XX, consolidou-se em um cenário de profundas rupturas sociopolíticas, marcado pela recente Abolição da Escravidão (1888) e pela Proclamação da República (1889). Nesse contexto de efervescência, a província buscava alinhar-se aos ideais de progresso e civilidade europeus, tentando apagar o estigma do passado colonial e escravocrata. O periódico *O Globo* atuou como um catalisador desse novo tempo, transformando a literatura em uma ferramenta de intervenção social e pedagógica. Por meio de crônicas, poesias e artigos de opinião, os intelectuais locais utilizavam as páginas do jornal para moldar o comportamento urbano e difundir estéticas modernas, convertendo a palavra escrita no principal alicerce para a invenção de uma "Atenas Brasileira"² que pretendia ser, ao mesmo tempo, republicana, letrada e cosmopolita.

No Brasil do século XIX, os jornais passaram a ocupar esse espaço de maneira decisiva. Ao relatarem os acontecimentos políticos, econômicos e culturais, também assumiam o papel de mediadores simbólicos entre o Estado e a sociedade. Os periódicos funcionavam como dispositivos de produção de sentido, capazes de influenciar o imaginário coletivo, legitimar práticas institucionais e organizar as expectativas sociais de seus leitores. Nesse

² A ideia da Atenas Brasileira surgiu na década de quarenta do século XIX, tendo como base a atuação de um grupo de intelectuais posteriormente denominados de "Grupo Maranhense" (1832-1868). A princípio, a proposta de sua criação teve como objetivos: proporcionar a São Luís "o codinome de Atenas Brasileira, inculcar na sociedade a imitação dos padrões clássicos da civilização ocidental, de se tornar um referencial identitário, buscar legitimidade intelectual, notoriedade, e além do mais, evocar nomes-símbolos, como a terra e, sobretudo o homem" (Oliveira, 2006: p.139).

cenário, analisar um jornal como *O Globo*, publicado em São Luís do Maranhão, entre 1889 e 1890, é observar não apenas uma publicação isolada, mas um espaço privilegiado de construção da esfera pública local.

Tabela 01 - Dados editoriais e de circulação do jornal *O Globo* em 1889-1890

Jornal	<i>O Globo</i>	
Ano	1889-1890	
Redatores	Paula Duarte e Casimiro Junior	
Tiragem	3.000 exemplares	
Pagamento	Capital	Interior
	Venda avulsa	Ano - 13.5000 Semestre - 7.5000 Trimestre - 3.500



Fonte: *O Globo* (MA), 1852, ed. 05, p.1

O Globo posicionou-se, desde seu primeiro número, como um jornal de grande formato e de circulação diária, assumindo o compromisso de oferecer informações variadas e com elevado grau de responsabilidade editorial. Diferentemente de muitos periódicos de sua época, que limitavam-se a tratar de assuntos comerciais ou políticos de forma partidarizada, *O Globo* apresentava-se como um empreendimento com pretensões civilizatórias, buscando contribuir para o progresso social da província do Maranhão por meio de uma imprensa independente.

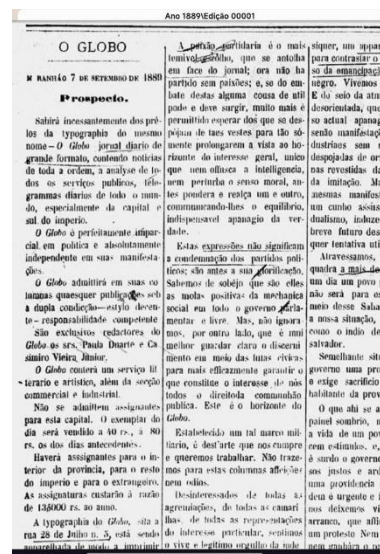
A escolha do jornal *O Globo* como objeto central desta pesquisa justifica-se pelo seu caráter representativo no cenário jornalístico maranhense do final do século XIX. Publicado em 1889, ano da proclamação da República, o periódico oferece uma amostra significativa das transformações políticas, sociais e culturais que atravessavam o Maranhão naquele período. Ao se propor como veículo imparcial, civilizador e atento às diversas esferas da vida pública, o jornal fornece subsídios para a análise das tensões entre tradição e modernidade, conservadorismo e progresso. Além disso, os textos publicados em suas páginas refletem o que poderíamos considerar como uma síntese das expectativas, contradições e disputas do Maranhão da época.

A análise do primeiro número do jornal *O Globo*, publicado em 7 de setembro de 1889, permite observar um esforço articulado por parte de seus redatores em legitimar um projeto jornalístico com pretensões civilizatórias, comprometido com a modernização social

do Maranhão. O periódico, idealizado por Paula Duarte e Casimiro Vieira Júnior³, ambos advogados e, no caso de Vieira Júnior, também figura política relevante à época, apresentava-se como um empreendimento de porte, editado diariamente em formato extenso, e vinculado a uma empresa tipográfica homônima, o que lhe conferia autonomia técnica e editorial.

O prospecto inaugural delineava com clareza os princípios norteadores da publicação. Autodefinido como “imparcial e independente”, o jornal rejeitava qualquer forma de partidarismo político, sob o argumento de que “O Globo é perfeitamente imparcial em política e absolutamente independente em suas manifestações” (*O Globo*, 1889, ed. 1). Tal posicionamento não representava, contudo, uma negação da política institucional, uma vez que os redatores defendiam a “glorificação” dos partidos enquanto expressão legítima da vida pública. Essa aparente contradição revela um projeto ideológico pautado por uma neutralidade estratégica, que buscava afastar o jornal dos conflitos facciosos, ao mesmo tempo em que o vinculava aos ideais de civilidade e ordem próprios de uma elite letrada.

Figura 1: Prospecto do jornal *O Globo* (1889)



Fonte: *O Globo* (MA), Ed. 01, p.1

³ Casimiro Vieira Junior e Paula Duarte pertenciam à elite letrada maranhense e tinham formação jurídica, o que lhes conferia prestígio social e autoridade intelectual. Casimiro Vieira Júnior, além de advogado, ocupou três vezes o cargo de governador do Maranhão (1893, 1895 e 1897), o que indica sua inserção direta nas esferas de poder político da província. Essa vivência institucional certamente influenciou sua atuação editorial, conferindo ao jornal um tom de moderação e diplomacia. Paula Duarte, também advogado, compartilhava dessa orientação ideológica e jurídica. Embora haja poucas informações biográficas detalhadas sobre ele, seu envolvimento na fundação de um jornal de grande circulação aponta para uma trajetória marcada por interesses culturais e engajamento público. Ambos atuavam não apenas como editores, mas como intelectuais, promovendo um discurso que buscava harmonizar modernização e controle social, progresso e moralidade. Sua experiência com a edição de periódicos, ainda que centrada neste único empreendimento documentado, revela um domínio das práticas jornalísticas e uma clara estratégia de construção de autoridade simbólica. A escolha criteriosa dos conteúdos, a valorização do estilo “decente” e o controle sobre a linguagem e o comportamento do leitor apontam para uma atuação editorial que extrapola o jornalismo e adentra o campo da pedagogia social.

Apesar da promessa de imparcialidade, a crítica contemporânea ao discurso jornalístico alerta para os limites dessa neutralidade. Como afirma Barros (2023, p. 115),

(...) as diversas mãos que entretecem o discurso jornalístico, e que o viabilizam no suporte impresso, além de exercer pressões no mundo que o circunda também podem, da sua parte, sofrer uma grande variedade de pressões externas, advindas das circunstâncias econômicas e particularmente do mundo político.

Assim, mesmo que a declaração de independência editorial pretenda configurar um jornalismo “acima dos interesses”, é inevitável reconhecer que o fazer jornalístico é atravessado por múltiplas instâncias de poder. O próprio Barros (2023, p. 118) reforça que “o jornal tem posições a sustentar, mas também tem um público pelo qual zelar”, o que implica compromissos com a credibilidade e com a permanência no mercado, ambos diretamente influenciados pela aceitação dos leitores.

O conteúdo proposto incluía ampla cobertura noticiosa, com telegramas diários oriundos da capital do Império e do sul do país, análises dos serviços públicos, seções específicas dedicadas à literatura, às artes, ao comércio e à indústria. Essa segmentação temática indicava o desejo de articular um espaço informativo e cultural que não se restringia ao noticiário factual, servindo como plataforma para a difusão do “gênio nacional”.

A linha editorial comprometia-se, ainda, com a rejeição dos “preconceitos e vícios” que consumiam a sociedade brasileira, embora sem romper com os paradigmas excludentes da época. A crítica velada à abolição da escravatura, apresentada como um “prejuízo” para o Maranhão, ilustra bem a posição paradoxal da defesa do progresso e a manutenção de privilégios.

O jornal, como empresa inserida em uma lógica capitalista, precisa equilibrar seus compromissos editoriais com interesses econômicos e institucionais. Nesse sentido, o circuito de produção e recepção jornalística, como ressalta Barros (2023, p. 54), obriga o redator a “levar em alta consideração os seus leitores em potencial e imaginar os impactos que o seu texto terá no leitor ideal por ele almejado”. Esse condicionamento afeta desde a escolha dos temas até o estilo de escrita adotado, determinando também o grau de ousadia ou de prudência nas abordagens. O jornal, portanto, não é um reflexo neutro da realidade, mas um artefato discursivo e estratégico que atua ativamente sobre o espaço público.

Ainda no prospecto de 1889, os redatores afirmavam que jornais não deveriam ser guiados por “paixões partidárias”, pois isso comprometeria a clareza intelectual e moral. Embora os partidos fossem considerados fundamentais à vida democrática, o jornal *O Globo*

aspirava manter uma distância crítica, priorizando o interesse coletivo. Assim, a sua função era a de servir como “instância equilibradora”, mediadora do debate público e promotora do bem comum.

Ao mesmo tempo, a própria estrutura da edição revela aspectos significativos sobre a hierarquização dos conteúdos. A primeira página era dedicada a anúncios, o que demonstra uma clara estratégia comercial. Já a seção de folhetim foi inaugurada com o romance *O Doutor Rameau*, de Georges Ohnet⁴, cuja escolha não foi arbitrária: tratava-se de um autor consagrado e com ampla aceitação do público, visto que o romance já contava com mais de setenta edições desde sua publicação original, em 1881. A nota editorial que acompanha o folhetim o descreve como “um primor literário”, destacando seu “sobejo estilo” e a beleza da construção narrativa (*O Globo*, 1889). Essa seleção revela a intenção de associar o jornal à cultura e ao refinamento estético, o que reforça a imagem de um periódico comprometido, também, com a elevação intelectual da sociedade maranhense.

A crítica ao discurso de neutralidade torna-se ainda mais pertinente quando se considera o papel do editor enquanto agente que seleciona, hierarquiza e enquadra os acontecimentos. Como aponta Barros (2023, p. 61), “teríamos, aqui, dois gêneros distintos - o 'jornal informativo' e o 'jornal opinativo'? Mas será mesmo possível ter a informação desligada da opinião?”. Essa reflexão é central para compreender que a informação jornalística, mesmo em sua aparência mais “objetiva”, é sempre filtrada por escolhas editoriais. A alocação de uma matéria na primeira página, a ênfase em determinados tópicos ou a exclusão de outros são, em si, atos opinativos.

Além disso, a dependência de anunciantes, a necessidade de evitar conflitos com grupos de interesse e a lógica da sobrevivência empresarial condicionam a liberdade editorial, podendo gerar autocensura ou diluição de denúncias. Por isso, a promessa de isenção total deve ser vista com ceticismo, pois, conforme destaca Barros (2023, p. 61), a análise do discurso jornalístico pode se valer de métodos variados, desde a observação do vocabulário até o estudo sistemático da disposição das matérias no espaço gráfico do jornal.

A leitura da tese de Antonia Souza (2017) oferece subsídios valiosos para a compreensão do papel da imprensa na consolidação de uma cultura literária no Maranhão do século XIX, em especial no que diz respeito às escolhas editoriais e ao impacto da circulação de obras no gosto do público leitor. Uma das questões centrais que se coloca nesse contexto é

⁴ Georges Ohnet foi um romancista e dramaturgo francês de sucesso no século XIX, conhecido por obras como “Le Maître de Forges” (O Mestre de Forjas) e “Serge Panine”, que exploravam a vida burguesa e foram populares tanto na França quanto no Brasil, adaptadas para teatro e folhetins.

a motivação por trás da publicação de determinados romances ou autores em detrimento de outros. Essa seleção não é neutra, tampouco aleatória. Envolve uma série de fatores como a popularidade do autor, o sucesso comercial do texto, o número de edições já publicadas, a predileção pessoal dos editores, os pedidos expressos do público leitor ou mesmo o estilo literário adotado.

No caso de periódicos como *O Globo*, observa-se uma clara tendência de privilegiar autores já consagrados no circuito editorial europeu, sobretudo francês. A escolha de inaugurar a seção folhetim com o romance *O Doutor Rameau*, de Georges Ohnet, ilustra bem esse fenômeno. O autor era largamente conhecido, e sua obra contava com dezenas de edições à época. Assim, a publicação de Ohnet representava uma aposta segura. A sua obra conferia prestígio ao jornal e garantia, ao mesmo tempo, a adesão de um público familiarizado com esse tipo de narrativa.

No entanto, essa opção não reflete apenas critérios de mercado. A decisão editorial também pode ser lida como um gesto de mediação cultural, no qual o editor funciona como mediador, intermediando entre o repertório disponível e as expectativas do leitor. Nesse sentido, a escolha de um determinado romance pode expressar tanto uma tentativa de formar o gosto do público quanto de atender às demandas já estabelecidas. O folhetim, por sua natureza seriada, requer fidelização, e autores populares tendem a garantir maior permanência da leitura. A necessidade de fidelização inerente ao folhetim e a aposta em autores populares revelam uma preocupação com a manutenção do hábito de ler. No entanto, para que essa permanência se concretizasse em um público diversificado, a acessibilidade econômica tornava-se o fator determinante. É sob essa lógica que se insere a coluna “leituras baratas para todos”.

Nesse contexto, a expressão “leituras baratas para todos”, presente em anúncios de livrarias remete à tentativa de democratizar o acesso ao texto literário, oferecendo narrativas envolventes, de baixo custo e ampla circulação. Esse conceito associado à literatura folhetinesca, delineiam-se como parte de um projeto de democratização cultural condicionado por limitações estruturais. Embora não acessível de forma ampla e irrestrita, essa literatura representava uma ampliação significativa no contato com a ficção. A publicação seriada, ao reduzir custos e aumentar o alcance, tornava obras antes elitizadas passíveis de consumo por leitores de distintas origens sociais.

A imagem do anúncio da Livraria Popular de Luiz Magalhães & C.^a é um documento histórico que materializa a transição do acesso à cultura no Brasil do século XIX, servindo como prova visual de que a literatura começou a romper as barreiras das elites muito

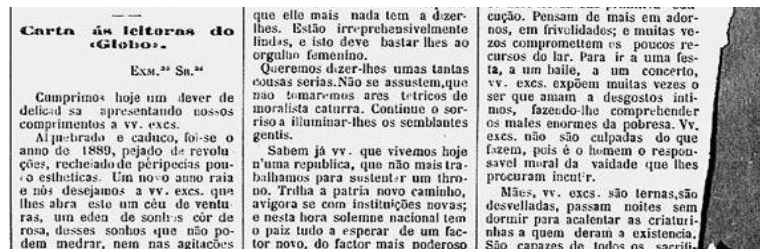
antes da consolidação do livro como objeto de consumo em massa. Sob o título “Leitura Barata para Todos”, o anúncio revela uma estratégia comercial de completa redução em preços que desafia a visão tradicional da historiografia literária, frequentemente focada no livro de luxo - um suporte caro, restrito às camadas abastadas e geograficamente limitado às grandes capitais.

Essa democratização do acesso, expressa na longa lista de títulos e preços acessíveis, correlaciona-se diretamente com a circulação de autores populares na época, como Georges Ohnet. Através da imprensa e dessas edições populares, a literatura deixou de ser um bem exclusivo de instituições culturais para se tornar um produto de consumo urbano mais amplo. Esse fenômeno foi fundamental para o processo de construção da autonomia do campo literário brasileiro, pois ao criar um público leitor diversificado e menos dependente do prestígio aristocrático, o mercado editorial passou a validar obras pelo seu alcance e recepção.

Portanto, enquanto as pesquisas tradicionais se concentram na difusão literária através do suporte livro encadernado, a análise desse tipo de publicidade permite compreender que o verdadeiro motor para a cultura letrada⁵ no Brasil foi a “leitura barata”. Foi esse modelo de negócio, presente em províncias e acessível ao cidadão comum, que permitiu o alcance do romance-folhetim e consolidou a literatura como um elemento integrante da vida social brasileira, independentemente da posição geográfica ou do status econômico do leitor.

Outro elemento significativo que merece destaque são as “Cartas às leitoras do Globo”, frequentemente publicadas nos jornais e revistas do período. Essas cartas estabeleciam um canal direto entre os editores e o público feminino, que começava a se consolidar como leitor em expansão. Por meio delas, o editor não apenas reconhecia a presença da mulher na esfera da leitura pública, mas também buscava orientar seus gostos, reforçar valores morais e, por vezes, induzir o consumo de certos textos.

Figura 2: “Cartas às leitoras do Globo”



Fonte: *O Globo* (MA), 1890, ed. 98, p.3

⁵ Para Marcia Abreu (2006), a cultura letrada deve ser compreendida como um fenômeno social amplo e multifacetado, que vai muito além da simples capacidade individual de ler e escrever. Em sua perspectiva, o letramento não é um estado estático, mas um conjunto de práticas vivas que conectam o texto escrito à vida cotidiana. Ela propõe que a cultura letrada não pertence exclusivamente a uma elite intelectual; pelo contrário, ela se manifesta na circulação de impressos, nas formas de sociabilidade que surgem em torno do livro e nas diversas maneiras como diferentes grupos sociais se apropriam da escrita.

A relação entre o documento histórico e a análise teórica reside na compreensão da imprensa como uma ferramenta de pedagogia social, que utilizava as “Cartas às leitoras do Globo” como um espaço de mediação cultural e moral. Ao observarmos o editorial de *O Globo* de 1890, fica evidente o papel do editor como o "orientador de gostos" mencionado no texto: ele não apenas saúda as leitoras, mas prescreve que a beleza - embora considerada a “primeira virtude da mulher” - deve ser sustentada pela “bondade”, sob o risco de ser uma "estátua sem pedestal". Essa construção reforça os valores morais da época, transformando o jornal em um guia de conduta.

Além disso, a imagem ilustra perfeitamente o conceito de dispositivo de sedução. O uso de uma linguagem lisonjeira e reverente (como o tratamento de “Vossas Excelências” e a oferta do texto como um “mimo”) servia para capturar esse público feminino em expansão, conferindo-lhes uma importância simbólica dentro da nova ordem republicana. O editor atua, portanto, como uma ponte entre o político e o privado: ao afirmar que cabe às mulheres “suavizar os costumes” e “preparar os cidadãos”, o jornal delimita o papel da mulher na esfera pública através de sua influência no lar. Assim, a carta funciona como o "canal direto" descrito na teoria, onde as escolhas editoriais moldam a identidade da leitora enquanto consolidam o mercado literário e jornalístico do período, bem como também, como dispositivos de sedução, ao mesmo tempo que ampliavam o diálogo entre o jornal e o público. Assim, as escolhas editoriais no Maranhão oitocentista - sejam elas motivadas por critérios estéticos, comerciais ou culturais - desempenharam papel decisivo na construção de uma tradição de leitura local. A circulação de obras consagradas, a mediação exercida pelos editores, a preocupação com a acessibilidade e o diálogo com os leitores, especialmente com o público feminino, delineiam um panorama complexo e dinâmico da formação do leitor literário maranhense.

Dessa forma, *O Globo* (1889-1890) configura-se como um projeto editorial ambicioso, pautado por ideais de progresso, civilidade e modernidade, mas também imerso nas contradições de seu tempo. Seu compromisso declarado com a imparcialidade, embora nobre em intenção, não escapa às pressões sociais, econômicas e políticas que moldam a prática jornalística. O discurso de neutralidade, nesse sentido, deve ser compreendido não como ausência de posicionamento, mas como parte de uma estratégia discursiva voltada à construção de legitimidade perante um público diversificado.

Como já mencionado anteriormente, o folhetim surgiu como uma seção nos jornais, frequentemente descrita como uma espécie de “lar textual”, antes de consolidar-se como um gênero literário próprio. Essa transição - da narrativa folhetinesca ao romance estruturado em folhetins - ocorreu ao longo de várias décadas, com aceleração notável nos anos que

antecederam a inserção massiva de obras ficcionais na imprensa francesa (Mollier, 2018). Esse formato literário expandiu-se progressivamente, alcançando diferentes partes do mundo e influenciando práticas culturais e editoriais em diversos contextos.

Para dar início às discussões sobre o impacto do romance folhetim na imprensa maranhense oitocentista, é preciso, em primeiro momento, compreender todo este perfil histórico desempenhado pela sociedade francesa. Isso corroborará para a compreensão da sua influência nas práticas editoriais, na formação de hábitos de leitura e na consolidação de uma esfera pública letrada, elementos que contribuíram diretamente para a recepção e adaptação do folhetim em terras brasileiras.

A análise dos folhetins publicados no jornal *O Globo* evidencia um panorama literário influenciado pela presença de romances franceses. Essa predominância não apenas sinaliza o prestígio cultural da França no período, como também reflete os interesses editoriais, as expectativas das camadas urbanas letradas brasileiras e as possíveis escolhas da própria redação do periódico. Esse contexto levanta questionamentos relevantes sobre a autonomia do leitor na seleção das obras consumidas. Em que medida a literatura publicada era fruto de uma demanda efetiva do público ou resultava de uma imposição simbólica por parte das instâncias editoriais e culturais dominantes? Tal reflexão é sustentada pelo reconhecimento de que o Brasil, historicamente, esteve sujeito a influências externas em diversas dimensões culturais.

Sabendo disso, compreende-se que esse espaço dedicado ao “passatempo” dos leitores, também, se configura como um mecanismo de divulgação que vai além do conteúdo estritamente literário. Embora a maioria dos textos publicados nessa seção tivesse caráter literário, é possível perceber no jornal *O Globo*, objeto dessa pesquisa, que este espaço era utilizado para divulgar informações relacionadas à política e assuntos diversos. Pode-se pensar que são estratégias da redação tendo em vista que os leitores já buscavam os jornais com a intenção de acessar diretamente essa coluna. Nas palavras de Marlyse Meyer: “nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza [...]; nele se criticam as últimas peças, os livros recém-lançados” (1996, p.57).

Ao observar como esse gênero se consolidou na França, desde sua origem como espaço de convivência textual até sua transformação em veículo de circulação de ideias, cultura e política, torna-se possível compreender os caminhos pelos quais ele foi recebido e adaptado no Brasil, especialmente no Maranhão. A presença marcante de romances franceses nas páginas do jornal *O Globo*, as manifestações dos leitores, exigindo sua continuidade, e o uso estratégico da seção como espaço diversificado revelam que o folhetim não apenas entreteve, mas também educou, influenciou e moldou o público. Assim, o romance francês, ao atravessar fronteiras,

não apenas encontrou eco na imprensa maranhense, mas também ajudou a construir os alicerces de uma cultura editorial que dialogava com os ideais de civilização, progresso e pertencimento ao mundo moderno.

3. A PRESENÇA EDITORIAL FRANCESA NO MARANHÃO

O escritor francês Georges Ohnet (1848-1918), hoje praticamente desconhecido, teve muitas de suas obras traduzidas e amplamente difundidas no Brasil nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, tanto em formato de livro quanto como folhetins publicados em jornais.

Georges Ohnet conheceu enorme sucesso de público na França, à sua época, aparentemente sendo vendido tanto quanto Émile Zola (1840-1902). É o que se pode depreender da notícia encontrada no Jornal do Recife de 13 de outubro de 1891, que reproduziu, em sua segunda página, uma notícia do periódico francês *Le Figaro*: O autor mais lido [...] Dentre os vivos, o mais vendável é Zola. 100.000 exemplares de seus livros são vendidos anualmente; Georges Ohnet também atinge aquele algarismo, o que prova que o público pagante não prefere esta àquela escola, lendo o que lhe apraz (Santos, 2021, p.9).

Conforme indicam os dados apresentados, Georges Ohnet foi o autor mais recorrente entre as publicações do jornal *O Globo*:

Tabela 2: Textos narrativos publicados no jornal *O Globo* (1889-1890)⁶

Narrativa	Autoria
A fita cor de oiro e malva	Catulle Mendes
O Enxoval	Catulle Mendes
Doces cristalizados	Felix Menezes
O Doutor Rameau	Georges Ohnet
O Processo Lebel	Henry Demesse
Nhá Tudinha	Julia Lopes de Almeida
Entre duas fumaças	Não identificada
O manto e a Camisa	Não identificada
O mez de Maria - Chronica Devota	Não identificada
Página Intíma	Não identificada
Proprietário	Não identificada
Um sonho d'Amor	Não identificada
Uma página de D.quixote	Não identificada
Uma partida de Xadrez	Não identificada
A tragédia do amor	Placido Guerra
Os mistérios dos bosques	Ponson Du Terrail

⁶ Tabela elaborada pela autora com base na catalogação de textos literários publicados no periódico *O Globo*.

Carta às Leitoras do “Globo”	Os redatores
O compadre Bernardo	Samuel Cardoso
Mystica	Zalina Rolim

Fonte: A Autora, 2025.

Apesar, do autor Georges Ohnet aparecer apenas uma vez na tabela acima, ele ocupa as páginas do jornal, na coluna folhetim, por quase todo o período de existência de *O Globo*, visto que suas narrativas foram publicadas integralmente. A análise da Tabela 2 revela uma presença curiosa de Georges Ohnet: embora o autor figure com apenas um título listado, sua circulação no periódico *O Globo* entre 1889 e 1890 foi, na realidade, vasta e dominante. Essa discrepância entre o número de entradas na tabela e a visibilidade real do autor justifica-se pelo modelo de publicação integral de suas narrativas na coluna folhetim. Ao contrário de contos curtos ou crônicas que se encerram em uma única edição, obras como *O Doutor Rameau* estendiam-se por meses, ocupando diariamente o rodapé das páginas e mantendo o nome de Ohnet em contato ininterrupto com o público.

Além da presença constante no folhetim, a circulação de Georges Ohnet era impulsionada por uma robusta rede de publicidade dentro do próprio jornal. O autor era frequentemente protagonista de anúncios de publicação, utilizados pela redação como estratégia para atrair e fidelizar assinantes através do prestígio de sua assinatura. Paralelamente, o mercado editorial reforçava essa imagem por meio de anúncios de livrarias, que destacavam a venda de seus volumes encadernados, consolidando-o como um item de consumo literário indispensável na época.

Por fim, a influência de Ohnet transbordava as páginas impressas e alcançava a esfera cultural mais ampla. Era comum encontrar no jornal anúncios de adaptações para o teatro baseadas em suas obras, o que demonstra a natureza transmidiática de seu sucesso. Essa convergência entre o folhetim, o livro e o palco criava um ciclo de retroalimentação: o sucesso nos palcos ampliava a leitura no jornal, enquanto a publicação diária garantia plateias para o teatro. Assim, a onipresença de Ohnet em *O Globo* confirma que ele não era apenas mais um colaborador, mas uma peça central da engrenagem cultural e comercial do período.

É fundamental ressaltar que a presença do autor não se limitou apenas ao jornal estudado, *O Globo*. Georges Ohnet esteve presente em grande parte dos periódicos maranhenses da época, evidenciando que sua popularidade rompia fronteiras regionais. Nesses jornais, o autor era disputado não somente para preencher as colunas de folhetim, mas figurava constantemente em anúncios de livrarias locais e em notas críticas, integrando um circuito de leitura que unificava o gosto literário do Brasil. Essa ampla difusão posiciona Ohnet como um

fenômeno editorial de alcance nacional, sendo um dos romancistas estrangeiros mais lidos e valorizados tanto na capital quanto nas províncias.

No panorama da literatura francesa do século XIX, autores ilustram o contraste entre sucesso popular e reconhecimento crítico, como é o caso de Georges Ohnet. Celebrado por um público ávido por folhetins e narrativas emocionantes, Ohnet conquistou uma notoriedade expressiva em sua época, suas obras circulavam amplamente, alimentando o imaginário de milhares de leitores. No entanto, esse mesmo estilo que lhe garantiu prestígio comercial acabou por restringir sua inserção no cânone literário.

A presença de Georges Ohnet nos periódicos maranhenses revela como sua obra funcionou como um pilar de integração cultural e construção da intelectualidade brasileira entre o final do século XIX e o início do XX. Através de jornais como *O Globo*, *Pacotilha*, *O Paiz* e *O Imparcial*, nota-se que Ohnet não era apenas um autor lido, mas uma figura presente em diversos setores, desde a literatura de folhetim até as adaptações para o teatro e o cinema. Títulos como *O Grande Industrial*⁷ tornaram-se “manias” recorrentes do cinema francês, demonstrando que o público possuía um conhecimento tão profundo de suas tramas a ponto de os críticos acreditarem que não existiam “fans” que desconhecessem seus detalhes.

Essa disseminação massiva por meio de diferentes suportes - texto impresso, palcos e telas - sugere que a obra de Ohnet serviu como uma ferramenta de inclusão social. Em uma época de altos índices de analfabetismo, a adaptação de seus romances para o cinema e o teatro permitia que pessoas não letradas tivessem contato com o repertório da elite intelectual, integrando-as à parte letrada da sociedade por meio da visualidade e da oralidade. Assim, as produções cinematográficas, descritas como dotadas de “vastos recursos” e “direção cuidadosa”, ajudavam a democratizar o acesso a histórias que antes circulavam predominantemente nos círculos de leitura, consolidando Ohnet como um fenômeno transversal na cultura maranhense.

⁷ O Grande Industrial é um famoso romance do autor francês Georges Ohnet, que narra a história de Clara de Beaulieu, uma aristocrata que, traída pelo noivo que prefere a riqueza de outra, casa-se por vingança com o industrial Philippe Derblay, criando um casamento de aparências que evolui para um profundo amor, desafiando a sociedade e os inimigos, sendo uma obra popular no final do século XIX e início do XX.

GEORGES OHNET NOS PERÍODICOS MARANHENSES

GEORGE OHNET

Georges Ohnet, cujo falecimento o telegrafo anunciou é uma das figuras que a guerra pôs em maior evidência, no jornalismo parisiense.

Depois de ter sido consagrado, como romancista, através do livro de tanta repercussão e de tanto sucesso, "Le Maître de Forges", os seus artigos no "Le Gaulois", sobre a exigência "Les jours d'un bourgeois" geraram-lhe um renome muito interessante de pensador e de estilista. Nesses artigos, em que ele analisou, com subtilidade e sinceridade, a situação da França em face da concentração europeia, o romancista revelou a sua potente capacidade de trabalho e a nítida compreensão da actualidade — as suas opiniões e as suas consequências.

Voltara, assim, Georges Ohnet, a ser uma figura de actualidade; objecto de comentários, de referências forçadas, de artigos admirados pelo bom senso, pelo poder admirável de síntese, decaem a sua individualidade literária. Os leitores, que no conhecimento da vida lhe atribuíam o romance mais conhecido da sua copiosa produção.

Autos teatral, muito festejado e presidente da Sociedade de Autores Dramáticos, ele era muito sensível às manifestações de popularidade e de prestígio social.

Aos 70 anos, vivendo sem grama contacto com a sociedade, já por motivo da sua avançada idade, já pela transformação que a guerra operou nos costumes da vida parisiense, o romancista transformado em jornalista, alcançou, com êxito absoluto, o antigo prestígio de que gozara e sua casa, onde se reuniam, outrora, os mais festejados indivíduos da corte, no mundo das letras, passou a ser frequentada pelos representantes dos partidos políticos e pelos homens mais em evidência na França.

A morte o surpreendeu, cercado de grande comoção e entusiasmo.

Admirável "canevari", Georges Ohnet, escreveu as "Croniques", de a civilização e literária, e, quase sempre exagerava a sua modestidade natural para fazer rir os que dele se cercavam.

O seu espírito de isolista, valeu-lhe o pequeno número de defeitos e grandes qualidades. George Ohnet foi muito combatido.

De Antoinette há um artigo consagrado ao estudo da sua obra literária intitulado "Héros de la littérature"; é uma página de franco combate.

Mas o romancista nunca se deixou abater por essa manifestação de oposição, e a sua bagagem literária é copiosa: "Cent ans de la République", "Dernier amour", "Les Dames de la Cour", "Monsieur de Rous", "La Fille du Député", "Le Droit de l'enfant", "Gens de la nuit", "Le Bonheur d'aimer", "Séjour Scarpia", "La Dame en gris", "Rei de Paris", "L'âme de Pierre", "Le Marchand de Paris", "Le Curé de Pavane", para não citar outros até a dos mais conhecidos dos seus trabalhos de texto e dos seus romances.

"Sarg-Panier" que foi coroado pela Academia Francesa figura ao lado do "Mestre de Forges", como das suas melhores produções; o último, obras lidas em um dos mais notáveis sucessos literários, em Pa, e foi traduzido em vários idiomas.

Formado em direito, exerceu apenas a faculdade de comparecer aos tribunais para se defender em processos que foram movidos por motivo de seus artigos, o começo da sua vida literária, como escritor teatral.

Era orador fluente, ágil, cheio de espontaneidade de espírito; sab não tirar partido de todos as situações.

Grande Soirée Chic

O maior sucesso da época — O mais ruidoso acontecimento da cinematografia maranhense

Apresentamos o magnífico film EXTRA italiano, produção de 1921

Um verdadeiro milagre de arte

O grande industrial

(ou o mestre de forjas)

Extraído do celebre romance de **George Ohnet**, seu protagonista a de autêntica artista italiana Pina Menichelli e Amleto Novelli

Drama em 8 atos de um profundo sucesso

Devido à classificação de Extra atribuída por este film, que, incontestavelmente, é incomparável, a Empresa se vê forçada a cobrar uma taxa especial, de acordo com o programa.

8\$000 e 2\$000

Amanha No S. LUIZ Amanhã

PACOTILHA Ano 1921/Edição 000112

"O Grande Industrial" é outra das grandes manias do cinema francez.

De vez em quando um produtor qualquer se lembra de **George Ohnet** e já se sabe — lá vem "O Grande Industrial".

Não acredito em que evistam "fans", que não conheçam o assunto em todos os seus detalhes.

Esta nova edição não é má. Foi confeccionada com vastos recursos e mereceu uma direcção cuidadosa e inteligente. De modo que não cansa. E depois a comédia tem um lugar saliente.

Gaby Morlay e Henry Rollan, apesar de tudo, imprimem muita teatralidade aos seus trabalhos. mormente Henry, que a gente vê logo que se trata de um artista viciado pelo palco.

O imparcial - Ano 1936/Edição 05082B

As castells de Croix Mort, por **George Ohnet**.

É a última obra do popularíssimo romancista pariziense.

Está, sem dúvida, na altura dos seus outros trabalhos, que o público maranhense já conhece.

—Sensacional programma—

A Grande Margueira

Emocionante e imponente Film d'Art, extraído de celebre romance de **GEORGES OHNET** e interpretado pelos seguintes artistas francezes:

Mlle. Guillelle (Do Athénée)..... **Mlle. de Clairfont**
Condé (Do Vaudeville)..... **Carvajal**
Pouctal (Do Porte St. Martin)..... **O marquez de Clairfont**
Meylito..... **Fouquet**

Elaborado pela conhecida fabrica **Le Film d'Art**, que, como o nome indica, sómente fabrica films de arte, é o novo drama que o IDEAL, o mais valioso e querido desta capital, proporciona à apreciação dos seus habitantes.

A **grande margueira** é um esplendido film, extraído do romance de **GEORGES OHNET** — **Le grande marguier**. Do mesmo autor e celebre escritor francez, romancista de excelência, é o celebre romance "Le maître de forges", do qual foi extraído o filme "O Grande Industrial", que este conhecido cinema exhibiu com assaés sempre repletas de nosso povo culto e entendido de arte, alcançando um sucesso estrondoso. A **grande margueira** é, também, romance muito conhecido, de enredo fino e empolgante, e a fabrica **Le Film d'Art**, soube escolher artistas para o seu desempenho.

Pacotilha - Ano 1913/Edição 00144

LITTERATURA

Cronique litteraires

BALZAC

Honorato Balzac, o immortal autor da "Comédie Humaine", é com razão considerado o reformador da litteratura franceza.

Nascido honorato em Tours em 1799, Castigado na casa paterna por todos os trapalhados dos seus irmãos, e depois completamente abandonado por seus paes a um collegio d'um regiment, excessivamente severo, não conheceu Balzac os cuidados da familia, o encanto do lar.

Na escola, não pertencendo elle ao numero dos meunins prodigios que causam admiração dos mestres e são o orgulho da familia, mas que raramente correspondem na vida pratica as esperanças paternas, pelo contrario, os seus mestres o consideravam uma medocridade. Os seus collegas, todos muito animados por seus familias, vendo o desprezo em que vivia Balzac, não procuravam consolá-lo com esta crueldade peculiar a infancia, crueldade tão bem descrita por L. Fontaine n'uma esplanada. Balzac não permitiam ao triste abandonado tomar parte nos seus brinquedos juvenis.

Sem amigos, mesmo sem affligidos, não teve Balzac a quem contar todos os seus sonhos, todas as suas esperanças, e aquella grande alma solitaria do afflicto, necessariamente retrahiu-se, escondendo-se depois na terra, corresponsabilidade que por longos annos sustentou com sua irmã Laura, admiradora entusiasta do seu prodigioso talento.

Em 1817, *Les dans la vallee*, conta Balzac n'um estylo d'uma simplicidade de conveniente os seus gostos que seguiu a sua propria expressão, marcharam as risas de sua infancia, e emmurciaram a sua verdejante mocidade.

Metriculando-se no curso de Sorbonne, adquiriu Balzac o gosto pelo estylo, foi admirador de Voltaire e Chateau, e formando-se em direito, antes de se estabelecer em direito, ofereceu-se para substituir no seu tabellionato, com esperanças de mais tarde succeder-lhe no cartório.

do meio em que viveram, amos procuraram melhorar a sociedade. E a Balzac, na opinião de La Fontaine, é inferior em dicção a Moliere, é superior em concepção, e incomparavel tambem em fecundidade.

Todos os volumes da "Comédie Humaine", são magistralmente escriptos, revelando um espirito de observação verdadeiramente notavel.

Na nossa opinião, porem, é *Le grand marguier* a mais esplendida concepção de Balzac. No estylo do avarento, com effeito, Balzac foi luxuoso. Os seus escriptos diametralmente oppostos a litteratura frivola da epoca, não agradaram a principio, e foi só depois que os jornaes russos, diz Zola, saquearam Balzac como o primeiro litterato da França, que o povo francez se dignou ler as obras do genial escriptor. A escola romantica comprehendendo a necessidade de abandonar os vellos moldes e conceitar uma sêcula mais ampla e mais fecunda.

Georges Ohnet, por exemplo, o escriptor prolifico das annoras, desprezou inteiramente o estylo litterico de velha escola e tomou o estylo de suas obras n'um estylo facil, attraente, elegante.

Datados muito embora d'um talento brilhante, mas sem fazerem estylo serio, sem espirito de observação, privados d'uma escada litteraria, os mais notaes escriptores romanticos tem tido uma gloria ephemera, igual em duração a tão decantada *romance de Moliere*. Mas sempre ler-se-ão com enthusiasmo as obras genicas do immortal autor da "Comédie Humaine".

A C.

VARIEDADE

A sujeita.

Elia estava sentada a meu lado no bond.

Era uma rapariga morena, de olhos negros e rasgados, desses olhos que nos momentos de colôria pareciam despidir chamas como os alcapões de uma peca magica donde sahem diabolos com pernas bipartidas e olhos de lanterna, harte aveludada coberta de tenro fel. Va de superfluo macho de seu par, que então era tabelliao importante, ofereceu-se para substituir no seu tabellionato, com esperanças de mais tarde succeder-lhe no cartório.

O PAIZ - Ano 1888/Edição 00165

PACOTILHA Ano 1918/Edição 00127

Pacotilha - Ano 1886/Edição 00123 p, 3

Associado ao romance popular, sua produção foi frequentemente desvalorizada pela crítica, que via nela uma estética simplificada e pouco inovadora. Assim, o esquecimento que hoje recobre seu nome não se deve à ausência de leitores, mas à ausência de legitimidade conferida pelos círculos literários da época e pelas gerações posteriores.

O fato de ser tão recorrente em periódicos brasileiros, tanto em folhetins como em anúncios de livros (no original e em traduções), peças e filmes (estes na década de 1910), surge como um indício da grande popularidade do autor no país e aponta para a necessidade de estudo sobre ele, não necessariamente para julgar o seu valor literário, mas porque se torna impossível contornar o êxito editorial de sua obra. Ohnet é hoje um escritor ainda esquecido pela História Literária, mesmo na França, que não considera a totalidade da produção daquele período, enxergando somente os movimentos vistos como alta literatura (Santos, 2021, p.28).

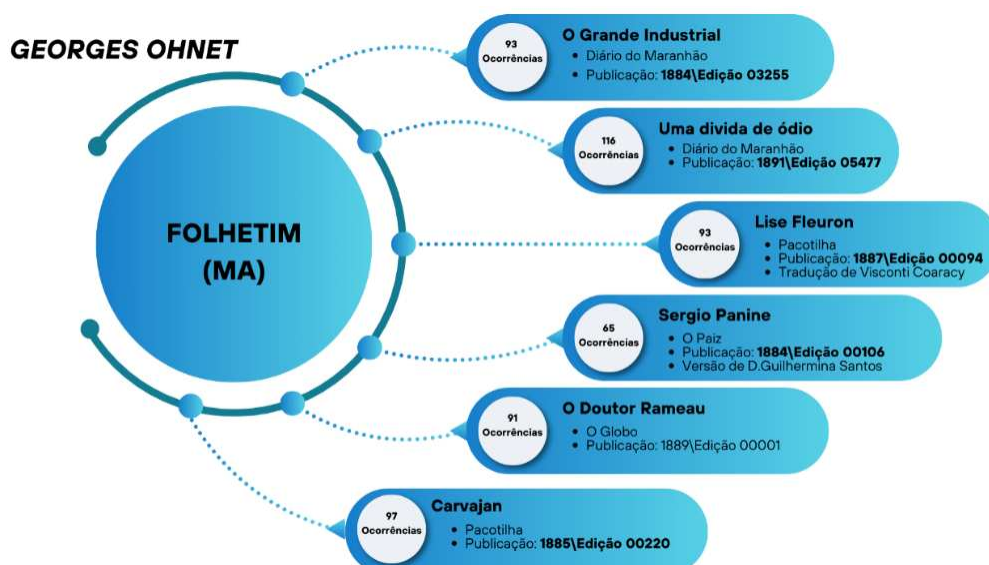
O autor destaca que Georges Ohnet foi “esquecido”, não por falta de relevância em sua época, mas por um critério de seleção posterior. Isso demonstra como a História Literária é, muitas vezes, uma narrativa de exclusão. Ao focar apenas estética elevada, a academia acaba por ignorar o que a sociedade de fato consumia, criando um “ponto cego” sobre o imaginário social de um período. O esquecimento de autores populares frequentemente oculta as bases sobre as quais a literatura moderna se construiu, muitas vezes em oposição ou reação a esses mesmos autores.

A recorrência da obra de Georges Ohnet nos periódicos maranhenses do século XIX revela uma estratégia editorial orientada pela convergência entre sucesso comercial, demanda leitora e legitimidade cultural importada. Ohnet, romancista e dramaturgo francês, foi amplamente publicado em jornais como *O Globo*, *Pacotilha*, *Diário do Maranhão* e *O Paiz*, destacando-se com títulos como *O Doutor Rameau*, *Sérgio Panine*, *O Grande Industrial* e *Lise Fleuron*. Esses textos circularam de forma seriada, ocupando espaços privilegiados nas colunas de folhetins, em uma prática que articulava o entretenimento com a formação de hábitos culturais entre os leitores.

A escolha de Ohnet como autor recorrente nos periódicos maranhenses não pode ser atribuída a um único fator. Ao contrário, trata-se de uma confluência de elementos. A popularidade internacional de suas obras, refletida na alta quantidade de edições em francês e nas traduções disponíveis em língua portuguesa, garantia um reconhecimento prévio entre os leitores. Isso facilitava a recepção e a adesão à leitura seriada. A presença simultânea de seus textos em seções de folhetim e em anúncios de

livrarias indica uma estratégia de convergência entre consumo cotidiano e circulação editorial: as narrativas eram lidas nos jornais e também adquiridas em formato impresso, muitas vezes com adaptações ou traduções assinadas por nomes como: Visconti Coaracy e D. Guilhermina Santos.

Figura 3: Circulação de Georges Ohnet em periódicos maranhenses

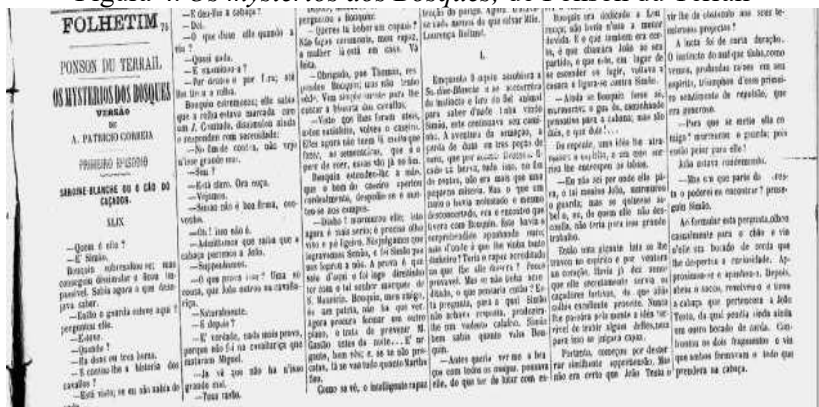


Fonte: A Autora, 2025

Essa dinâmica ilustra como o jornal funcionava como um mediador entre a produção europeia e o consumo cultural no Brasil. A opção por autores como Ohnet implicava uma seleção editorial voltada tanto à manutenção do prestígio literário quanto à fidelização do público leitor. Em um contexto no qual o acesso aos livros era limitado por razões econômicas e estruturais, a publicação seriada tornava-se o principal veículo de inserção no universo da ficção.

Outro autor que caiu no gosto popular, conforme destacado pelo jornal *O Globo*, foi Ponson du Terrail.

Figura 4: *Os misterios dos Bosques*, de Ponson du Terrail



Fonte: *O Globo* (MA), 1890, ed. 172, p.1

Foi um popular escritor francês, muito lido no século XIX, uma vez que suas obras foram amplamente difundidas em sua época e apreciadas pelo público leitor do Oitocentos, não apenas na França como também em Portugal e no Brasil. A obra que o tornou um célebre romancista foi justamente a série *Rocambole*.

Muitos estudiosos do romance popular confirmam a popularidade de Ponson du Terrail no século XIX. Yves Oliver-Martin, em seu estudo *A história do romance popular na França*, faz referência ao autor como um dos mais representativos do gênero e um dos mais reconhecidos folhetinistas do século XIX, pois “tinha a receita certa para apaixonar seus leitores”. Para o crítico literário, Ponson du Terrail foi um fenômeno da literatura romântica no regime de Napoleão III, mobilizando milhões de leitores fiéis à série *Rocambole* (Borges, 2016, p.19)

O esquecimento, tanto de Georges Ohnet, quanto Ponson du Terrail, pode ser atribuído à tensão histórica entre consumo literário de massa e os critérios de consagração estética definidos pelas elites intelectuais. A ascensão dos folhetins no século XIX democratizou o acesso à literatura, mas também criou uma cisão entre o gosto popular e os valores literários legitimados pela crítica.

Nesse contexto, autores como Ohnet e Ponson du Terrail, que privilegiavam narrativas acessíveis, emocionais e voltadas ao entretenimento, foram marginalizados pelos agentes de consagração cultural - críticos, acadêmicos e instituições - que buscavam consolidar um cânone baseado em inovação formal, profundidade filosófica e complexidade estilística. Assim, a popularidade desses autores, longe de garantir sua permanência na memória literária, pode ter contribuído para sua exclusão, ao reforçar sua imagem como símbolo de uma literatura “menor” e comercial.

Procurar conhecer uma nação por meio de sua produção editorial é, mais ou menos, o mesmo que julgar uma pessoa por sua caligrafia. Ambas constituem partes muito pequenas da atividade total de um país ou de uma pessoa, mas as duas podem ser muito reveladoras, pois nós somos como nos expressamos. Na verdade, é difícil imaginar uma atividade que esteja mais ligada de vida nacional quanto à publicação de livros. O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Seu surgimento é o encontro da estética com a tecnologia disponível. Sua produção requer a disponibilidade de certos meios de produção — que podem ser importados, feitos com matéria-prima importada ou fabricados inteiramente no país. Sua venda constitui um contexto comercial condicionado pela infra-estrutura econômica, educacional, social e política. E os livros, independentemente do modo como são produzidos, refletem o conhecimento do país, tanto do ponto de vista da dependência ou independência do país, tanto do ponto de vista espiritual como

do material. (Hallewell, 2017, p.31).

Para analisar como esse conflito se manifesta na história editorial brasileira sob a ótica de Hallewell, precisamos olhar para a formação do mercado e a busca por uma “identidade nacional”. No Brasil, o embate entre o sucesso comercial e a consagração literária foi particularmente acentuado devido aos índices de alfabetização e à dependência de modelos estrangeiros.

A adoção do romance-folhetim francês pela imprensa maranhense oitocentista mostra como a produção editorial pode ser simultaneamente um espelho da cultura nacional e um canal de influência externa. Tal prática evidencia, de um lado, a condição de dependência cultural em relação à França, que fornecia modelos narrativos e estéticos amplamente reconhecidos; de outro, revela a vitalidade da imprensa local como mediadora do contato entre literatura estrangeira e público brasileiro.

Nesse processo, o jornal não se limitou a reproduzir passivamente um produto cultural importado, mas atuou como agente de circulação, difusão e até mesmo adaptação desses conteúdos ao contexto social maranhense. Além disso, a presença constante do romance francês nos periódicos da época contribuiu para a formação de leitores e para o desenvolvimento de um gosto literário mais sofisticado, criando condições para que, posteriormente, autores nacionais pudessem dialogar e competir com essas referências. Assim, longe de representar apenas submissão cultural, a prática do folhetim importado estimulou a ampliação do repertório intelectual da sociedade oitocentista, favoreceu o hábito da leitura em um espaço ainda restrito e abriu caminho para a construção de uma tradição literária brasileira.

A circulação dessas obras estrangeiras, em especial as de origem francesa, contribuiu diretamente para a constituição de uma tradição de leitura literária no Maranhão. Ao oferecer narrativas marcadas por sentimentalismo, conflitos morais e dramas sociais, elementos característicos da literatura de Ohnet, os jornais não apenas entretinham, mas educavam e modelavam a sensibilidade do leitor. Nesse sentido, como defende Abreu (2006, p. 82), “A literatura promove o aprimoramento da intelectualidade, o desenvolvimento de um sentido ético e um olhar mais aguçado sobre a realidade - seja a que cerca o leitor, seja conhecida por meio dos livros”. Esse processo é ainda mais relevante ao se considerar que a leitura no Brasil imperial estava restrita a camadas sociais alfabetizadas, com acesso esporádico ao livro impresso, geralmente de

origem europeia. A análise da presença de Georges Ohnet na imprensa maranhense, portanto, permite compreender como se estruturavam as escolhas editoriais no século XIX, bem como os efeitos dessas decisões na constituição de práticas leitoras. A combinação entre visibilidade internacional, adesão local e mediação jornalística fez de seus romances um veículo de formação cultural e de consolidação de um mercado literário dependente, mas ativo. Os jornais, ao incorporarem essas obras à sua grade de conteúdo, participavam diretamente da construção de um repertório literário comum, ancorado em referências estrangeiras, mas ressignificado pela recepção local.

4 CONCLUSÃO

O resgate de nomes e obras "soterrados" pelo cânone literário tradicional permite não apenas reescrever uma historiografia moldada por discursos autoritários e excludentes, mas também refletir sobre as múltiplas formas de construção da cultura nacional. Esse processo convida os pesquisadores de literatura a repensarem seu papel como agentes que, ao explorar os rastros esquecidos da tradição, abrem novas possibilidades de leitura, interpretação e valorização da diversidade cultural. Diante disso, levanta-se a hipótese de que muitos autores amplamente conhecidos no século XIX foram esquecidos ainda naquele período ou nas décadas seguintes, justamente por se dedicarem à produção literária popular, voltada ao grande público. Embora essa condição lhes garantisse expressiva circulação e consumo imediato, tal popularidade foi recebida com desdém pela crítica que, alinhada à concepção de uma "literatura legítima", valorizava obras consumidas por círculos restritos das elites letradas. Assim, a fama entre as massas, longe de assegurar perenidade e reconhecimento histórico, tornou-se um dos fatores que contribuíram para a marginalização desses escritores no cânone oficial.

Nesse contexto, os periódicos oitocentistas emergem como peças fundamentais tanto para a produção literária quanto para a construção de uma sólida sociedade de leitura. No Maranhão, a imprensa não era apenas um suporte informativo, mas o principal motor de formação da intelectualidade local, que se consolidava por meio da leitura sistemática da literatura publicada nas colunas de jornais. A investigação sobre o impacto do romance francês no jornal *O Globo* evidencia esse papel central da imprensa na mediação cultural e literária da sociedade maranhense. Ao longo de dois anos, o periódico não apenas veiculou uma diversidade de obras francesas, como também consolidou uma preferência literária entre seus leitores, marcada pela recorrência e popularidade desses

textos.

A presença constante de autores como Georges Ohnet, cuja obra alcançou dezenas de edições, revela tanto a demanda por literatura estrangeira quanto o engajamento editorial em promover e discutir essas produções. Esse fenômeno insere o jornal como agente ativo na formação do gosto literário e do intelecto local, refletindo redes complexas de circulação e intercâmbio entre livreiros, editores e intelectuais das províncias maranhenses.

Ao analisar esse impacto na imprensa maranhense, com foco no jornal *O Globo*, revela-se um panorama ainda pouco explorado da circulação literária no Brasil, evidenciando como os jornais foram espaços essenciais para a democratização do acesso à literatura. A investigação da presença dessas obras, suas origens, trajetos e recepção, contribui para a compreensão das dinâmicas culturais que moldaram o gosto e a crítica no século XIX, especialmente em regiões fora do eixo Rio-São Paulo. Portanto, esta pesquisa reafirma a importância da imprensa como um laboratório de formação de públicos leitores e como o principal palco da vida intelectual regional. Ao recuperar circuitos culturais esquecidos e valorizar a experiência literária mediada pelos jornais, a historiografia torna-se mais plural, inclusiva e representativa da verdadeira extensão da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. Coleção Paradidáticos. São Paulo: Editora UNESP, 2006
- BARROS, José D'Assunção. **Jornalismo e discurso**: mediações, sentidos e política. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2023.
- BORGES, Débora de Castro. **As mil e uma transfigurações de Rocambole**: a personagem mais brilhante de Ponson du Terrail. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2016.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Cultrix, 1983.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- DEAECTO, Marisa Midori. **O império dos livros**: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 2017.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOLLIER, Jean-Yves. *As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção*. **Alea**: Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 17-36, 2018.
- NADAF, Y. J. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. **Letras**, [S. l.], n. 39, p. 119–138, 2009. DOI: 10.5902/2176148512014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12014>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- OLIVEIRA, Eduardo Gomes de. Os Novos Atenienses: saudade e poesia como invenção do Maranhão. *Ciências Humanas em Revista - São Luís*, v. 5, número especial, junho 2007. Pp. 135-144, 2007
- REIS, Douglas Ricardo Hermínio. **A literatura no jornal**: José de Alencar e os folhetins de Ao correr da pena (1854-1855). São José do Rio Preto: [s.n.], 2011.
- SANTOS, Rose Rocha dos. **A obra de Georges Ohnet em folhetins brasileiros**. 2021. 95 f. Monografia (Graduação em Letras - habilitação Português-Francês) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.
- SOUZA, Antonia Pereira de. **A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado) –Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2017.
- O GLOBO. São Luís: Tipografia d'O Globo, (1889-1890).